

# A problemática de “El Valle de los Caídos” na Espanha: santuário, monumento e cemitério

**The problematic of “El Valle de los Caídos” in Spain: sanctuary, monument and cemetery**

**Irene Galindo Ortiz\***

\*Espanha, Historiadora da Arte, Licenciada em História da Arte pela Universidad de Extremadura (UEX), Mestranda em Museologia e Museografia pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL). E-mail: irgalindo89@gmail.com

Artigo completo submetido 2 de junho  
e aprovado a 14 de junho de 2014

## O monumento

Ainda não tinha acabado a Guerra Civil espanhola quando o bando franquista criou uma *Comisión de Estilo en las Conmemoraciones de la Patria*, como fim de unificar os distintos monumentos comemorativos da vitória ao “dar unidad de estilo y dar sentido a la perpetuación por monumentos de los hechos y personas de la historia de España, y en especial a los acontecimientos de la guerra y en honor a los caídos...” (Espanha. B.O.E. 22-8-1939). Pretendia-se fazer dos monumentos símbolos e reflexos da ideologia subjacente (Bonet, 1981,67), optando-se pela severidade, a rigidez e o geometrismo; valores que seguiam os ideais nazis de serenidade, ordem, clareza e equilíbrio, existentes nos modelos clássicos.

A ideia de fazer um monumento nacional, *El Valle de los Caídos*, inicialmente dedicado à vitória franquista, seguindo estes valores, era de tal modo considerada como uma honra, que foi disputada por muitas cidades. No entanto, a sua localização tinha de ser claramente em Madrid, a capital do Estado, representante do ideal franquista “una, grande y libre”. Com esse propósito, foi escolhido um terreno a norte da capital madrilena, a vila de San Lorenzo del Escorial, onde se localiza o mosteiro com o mesmo nome. Por ser considerado a grande obra classicista da arquitetura espanhola foi tomado como modelo.

Com os prazos e princípios estéticos definidos, só faltava saber como se iam pagar as obras de um monumento desta magnitude num país devastado pela Guerra Civil.

Como as prisões estavam cheias de presos políticos, cuja sobrelotação e as más condições de salubridade provocavam doenças como o tifo e a tuberculose, decidiu-se utilizar esta mão de obra. Com esse fim, foi oferecida aos presos uma comutação da pena em troca de trabalho remunerado com o salário mínimo. Segundo testemunhos, ao aceitarem este acordo, a vida destas pessoas melhorava, apesar dos

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o monumento espanhol El Valle de los Caídos. Apesar de se basear numa bibliografia sólida, desenvolve-se de uma maneira mais informal, pretendendo expor dados históricos e características do local, mostrando as suas repercussões no seu estado atual.

**Palavras chave:** Valle de los Caídos / franquismo / republicanismo / Ley de Memória histórica.

**Abstract:** This article aims to reflect about the Spanish monument “El Valle de los Caídos”. It is based on a solid bibliography but it develops in a more informal way, not being just a theoretical point of view, but also, it exposes historical data and his characteristics, showing the impact of those facts in the present.

**Keywords:** “Valle de los Caídos” / Franco’s regime / republican / Law of Historical Memory.

perigos inerentes à própria tarefa. Passavam a receber uma dieta mais calórica para fazer face à dureza do trabalho e, por terem uma liberdade maior, tornava-se possível a instalação das famílias em barracas improvisadas no local. Chegaram inclusivamente a organizar-se fugas com sucesso.

Com a chegada da Democracia começou a utilizar-se o termo *esclavos de Franco* para designar a estas pessoas, mostrando a ilusão de liberdade subjacente a este acordo. Este tipo de expressões fazem com que o povo sinta a obra como uma imposição desde a sua construção, constituindo um abuso de poder por parte do governo ditatorial, para glória do Caudilho, sem pensar na situação económica num período pós-guerra.

Num discurso do Generalíssimo em 1940 definia-se claramente como seria o *Valle de los Caídos*: *Nuestro monumento a la Victoria no será un monumento más [...] será un lugar que tendrá basilica, tendrá monasterio y tendrá cuartel; tendrá la recidumbre de España, tendrá la aspereza de la tierra, tendrá la soledad de la oración* (Discurso de Francisco Franco 3 de junho de 1939).

Para avançar com o projecto foi escolhido o arquiteto Pedro Muguruza, na altura considerado o melhor arquiteto do país. Mais tarde, em 1950, foi substituído por Diego Méndez, quem completou as obras, inauguradas no dia 1 de agosto de 1958.

No ano seguinte a obra escultórica exterior foi entregue a Juan de Ávalos, de onde surge outra grande ironia relacionada com este monumento: a escolha de um artista rotulado como republicano, exilado em Portugal, para criar os elementos ornamentais exteriores, que dariam as boas-vindas aos visitantes do maior monumento franquista da Espanha! Atualmente, as suas 9 esculturas ciclópicas apresentam graves problemas de conservação devido à má qualidade da pedra, necessitando de um processo de restauro muito complexo e caro.

Nos 36 anos que durou o regime franquista a sua política mudou para se adaptar às diversas situações internacionais. Assim, devido à necessidade de alterar a sua imagem internacional, decidiu-se mudar a concepção do monumento para: “dar en él sepultura a quienes fueron sacrificados por Dios y por España y a cuantos creyeron en nuestra cruzada, sin distinción del campo en el que combatieran, según impone el espíritu cristiano de perdón que inspira su creación” (Olmeda, 2009, 175). O monumento inicialmente dedicado à vitória franquista, passava agora a ser um memorial de reconciliação, onde se mostrava a paz alcançada pelo ditador.

No entanto, a equiparação entre as partes da anterior contenta nunca chegou a existir. Os restos mortais dos franquistas eram identificados com nome, idade, causa da morte, lugar de combate, etc.. Os republicanos só tinham o nome, quando conhecido, dado que muitos vinham de valas comuns e por isso não estavam identificados. Deve também ser destacado o facto de muitas transladações não terem sido autorizadas pelas famílias de esquerda. Para ultrapassar este obstáculo, o Governo promulgou um decreto dando-lhes a responsabilidade de custear uma nova sepultura. Caso não tivessem os meios necessários, os restos mortais dos combatentes seriam levados para o *Valle de los caídos*. Esta solução foi vista com raiva pelos descendentes dos defuntos, bem como pela Esquerda em geral. O monumento passou então a ser considerado como um agravamento à liberdade, por obrigar os corpos dos seus combatentes a descansarem no maior símbolo do franquismo e em território sagrado, quando muitos deles lutavam em defesa da República e do laicismo.

Além disso, em 1959 mudaram-se para ali os restos de José Antonio Primo de Ribera, considerado como um mártir franquista da Guerra Civil, ao qual se uniria em 1975 o corpo de próprio Francisco Franco. O monumento adquiriu então uma dimensão social e ideológica maior, ao se converter no mausoléu do ditador e, consequentemente, em lugar de peregrinação dos seus seguidores. Por extensão acabou por representar todo um período histórico de guerra e repressão. O facto de continuarem ambos enterrados num lugar tão distinto provocou muitas disputas. Os sectores de Esquerda pedem a sua transladação para outros cemitérios para tentar despolitizar o monumento, no entanto, as famílias exercem os seus direitos e não aceitam a concretização desta ideia.

Em 1957 o *Valle de los Caídos* foi considerado como Património Nacional ficando ao abrigo da legislação nacional. Este facto impõe a sua conservação e restauro para evitar a degradação e possível desaparecimento. Na mesma época foi consagrado como abadia beneditina pelo Papa Pio XII. Esta congregação ainda ocupa este espaço, constituindo, juntamente com a Igreja, a maior opositora a qualquer modificação do local.

## A Ley de Memoria Histórica

No dia 31 de outubro de 2007, o Partido Socialista, então no Governo, aprovou a *Ley de Memoria Histórica* reconhecendo todas as vítimas da Guerra Civil e da Ditadura. Este documento propunha acabar-se com todos os símbolos franquistas existentes, obrigando à retirada de placas de ruas e praças, de estátuas, de monumentos à vitória ou aos mortos na guerra. Quando estes símbolos estivessem em monumentos histórico-artísticos deveriam permanecer no local quando a sua remoção danificasse o conjunto (Espanha. Ley 52/2007).

Nesta lei foi dedicado o 16.º artigo especialmente a este monumento:

*El Valle de los Caídos se regirá estrictamente por las normas aplicables con carácter general a los lugares de culto y a los cementerios públicos. En ningún lugar del recinto podrán llevarse a cabo actos de naturaleza política ni exaltadores de la Guerra Civil, de sus protagonistas, o del franquismo* (Espanha. Ley 52/2007).

Para não ter problemas com a Igreja, o Governo só restringiu o seu uso, evitando manifestações de apoio ao franquismo. Abriu também a possibilidade de fazer um museu onde se mostrasse a verdadeira história do local, numa disposição adicional:

*La fundación gestora del Valle de los Caídos incluirá entre sus objetivos honrar y rehabilitar la memoria de todas las personas fallecidas a consecuencia de la Guerra Civil de 1936-1939 y de la represión política que la siguió con objeto de profundizar en el conocimiento de este período histórico y de los valores constitucionales* (Espanha. Ley 52/2007).

Apesar de a *Ley de Memoria Histórica* proibir as manifestações políticas no recinto, o franquismo e o fascismo ainda hoje não estão proibidos pelos Código civil ou Penal espanhóis, prevalecendo o direito constitucional e a liberdade de expressão (Abad, 2009, 63).

## A mudança dos valores

Durante muitos anos as pessoas mortas pelo bando franquista eram ser consideradas heróis por terem lutado na cruzada pela defesa de uma Espanha laica e anarquista. No entanto, atualmente e no futuro, com o gradual desaparecimento dos sobreviventes e suas famílias, a manutenção dos restos mortais republicanos no local, pode levar a uma alteração desta interpretação, passando estes a ser considerados como colaboradores da imposição do regime ditatorial que afundou ao país numa péssima situação social, isolando-o da Europa durante quase quarenta anos.

Com medo de uma nova guerra civil, o Estado amnistiou os dirigentes do franquismo, ficando estes impunes, disfrutando dos seus privilégios e dos seus símbolos até ao ano 2007. Com a *Ley de Memoria Histórica* pretendia-se dar a conhecer os verdadeiros factos da Guerra Civil e da Ditadura. Tornava-se necessário reparar a memória e a moral das vítimas políticas e ideológicas, bem como remover os símbolos franquistas enaltecendo factos e pessoas que não os mereciam. *El Valle de los Caídos* como símbolo

por excelência desta etapa histórica foi tratado de modo individual e sumariamente, sendo-lhe atribuída uma função de culto e proibida a apologia do franquismo no seu interior.

Desde o início da Democracia têm existido diversas propostas para este monumento. Por um lado, a Direita e ultradireita advogam a manutenção do passado, evitando uma investigação histórica desfavorecedora. No caso do *Valle de los Caídos* defendem a sua preservação tal e qual como está, baseando-se no facto de ser um lugar de culto, amparado pelas Leis de liberdade religiosa, de defesa do Património e Canónica. Por outro, a Esquerda defende a pesquisa histórica para revelar a verdade de uma época e a justiça dos crimes cometidos. Relativamente ao monumento são várias as posturas: a Esquerda mais central opta por conciliar as partes deixando o culto religioso mas tirando os sepulcros dos dirigentes com a ideia de criar um museu, com um espaço didático onde se mostre a verdade do conjunto. A Esquerda mais radical pede a demolição da obra por não se poder permitir a sobrevivência deste símbolo por excelência do franquismo.

A realidade é que este monumento com 55 anos precisa de uma intervenção de restauro urgente, especialmente nas esculturas exteriores. É também necessário um projeto de preservação, onde sejam detalhados os procedimentos a seguir a médio e longo prazo, evitando-se as campanhas de restauro que não atuam realmente na origem.

Porém, nestes tempos de crise, este tipo de atuações num monumento com uma conotação tão forte não são bem-vindas pela população. Apesar disso, no dia 13 de maio de 2013, foi publicado no boletim oficial do Estado a indicação da atribuição de 286.845€ ao restauro da portada da igreja.

## Conclusão

O *Valle de los Caídos* é uma obra complexa devido ao seu simbolismo que gera posturas entre uma população espanhola ainda dividida em duas Espanhas em função dos seus ideais políticos. Depois de 36 anos passados desde o início da democracia e este tema pendente ainda é de difícil solução.

Poderá o *Valle de los Caídos* sobreviver muitos anos nesta situação de restauros de emergência e parciais à espera de um acordo entre partidos políticos?

## Referências

- Abad, J.M (2009). *Ley de memoria histórica*. Madrid: Dykinson.
- Bonet, A (Coord) (1981). *Arte del franquismo*. Madrid: Cátedra.
- Cirici, A (1977). *La estética del franquismo*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Delaplace, A (2013). Um plácio para a imigração? Uma apresentação da Cité nationale de l'histoire d l'immigration na França. *Revista VOX MUSEI*, n1. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Espanha. B.O.E. 2-4-1940.
- Espanha. B.O.E. 22-8-1939.
- Espanha. B.O.E. 27-7-1942.
- Espanha. *Constitución* 29-12-1978.
- Espanha. *Ley* 16/1985 25-6-1985.
- Espanha. *Ley* 52/2007 26-12-2007.
- (2012) *Juan de Ávalos*. Mérida: Parlamento de Extremadura.
- Llorente, A (1995) *Arte e ideología en el franquismo (1936-1951)*. Madrid: La balsa de la medusa.
- Olmeda, F (2009) *El Valle de los Caídos*. Barcelona: Península.
- (2006) *REVISTA ARS ET SAPIENTIA*. Quadrimestral, n. 2. Mérida: Asociación de Amigos de la Real Academia de Extremadura de las Letras y las Artes.
- Sosa, A.M (2013) Museos de la memoria y educación para los derechos humanos. Un estudio de caso: MUME- Uruguay. *Revista VOX MUSEI*, n2. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Torres, R (2001) *Los esclavos de Franco*. Madrid: Obreron. <http://www.elvalledeloscaidos.es/portal/>